

Everaldo Batista da Costa

Professor doutor do Departamento de Geografia da Universidade de Brasília (UnB), Doutor pela Universidade de São Paulo (USP)
everaldocosta@unb.br

Adriano Bittencourt Andrade

Professor doutor do Instituto Federal de São Paulo (IFSP), Doutor pela Universidade Federal da Bahia (UFBA)
abittandrade@gmail.com

Vinicius Sodré Maluly

Doutor pela École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS)
vmaluly@gmail.com

Geografia histórica urbana no Brasil: legado e crítica das perspectivas

Resumo

Considera-se que Maurício de Almeida Abreu, Pedro de Almeida Vasconcelos e Antônio Carlos Robert de Moraes protagonizam, inspiram e guiam, epistêmica e ontologicamente, em diálogo com Milton Santos, os estudos em Geografia Histórica Urbana no Brasil. Assim, o objetivo do artigo é analisar o uso dos conceitos neste subcampo disciplinar, buscando também caracterizá-lo. Metodologicamente, desenvolve-se: (i) revisão do debate assumido pelos principais personagens que fundamentam a Geografia Histórica brasileira (Abreu, Vasconcelos e Moraes); (ii) levantamento e elaboração de quadros-síntese dos trabalhos apresentados nos Grupos de Trabalho do subcampo nos XIII, XV, XVI e XVII Simpósios Nacionais de Geografia Urbana (SIMPURBs); (iii) interpretação destes trabalhos, a partir do método de análise de redes, sustentado por um banco de dados derivados (1) das palavras-chave dos artigos apresentados nos referidos SIMPURBs e (2) das temáticas abordadas nos textos apresentados. Como resultado, evidencia-se a situação difusa dos conceitos e princípios disciplinares que baseiam a denominada Geografia Histórica Urbana brasileira.

Palavras-chave: Geografia Histórica Urbana, Maurício de Almeida Abreu, Pedro de Vasconcelos, Antonio Carlos Robert Moraes, SIMPURBs.

Abstract

URBAN HISTORICAL GEOGRAPHY IN BRAZIL: LEGACY AND CRITICS OF PERSPECTIVES

Maurício de Almeida Abreu, Pedro de Almeida Vasconcelos e Antônio Carlos Robert de Moraes are considered to be the main protagonists, inspirers and epistemic and ontological guides, in dialogue with Milton Santos, of studies in Urban Historical Geography in Brazil. The aim of this article is to analyse the use of these concepts in this disciplinary subfield and to characterize it. Methodologically, it develops: (i) a review of the debate undertaken by the main figures behind Brazilian Historical Geography (Abreu, Vasconcelos and Moraes); (ii) a survey and drawing up of summary tables of the papers presented in the subfield's Working Groups at the 13th, 15th, 16th and 17th National Urban Geography Symposia (SIMPURBs); (iii) interpreting these papers using the network analysis method, supported by a database derived from (1) the keywords of the articles presented at the SIMPURBs and (2) the themes covered in the presented papers. As a result, the diffuse situation of the concepts and disciplinary principles on which Brazilian Urban Historical Geography is based emerges.

Key-words: Urban Historical Geography, Maurício de Almeida Abreu, Pedro de Vasconcelos, Antônio Carlos Robert de Moraes, SIMPURBs.

1. Introdução

A observação direta é recurso do conhecimento geográfico por excelência, quando a Geografia, o método e a singularidade disciplinar são revisadas do empírico (COSTA; SCARLATO, 2019). Os meios de investigação do passado espacial visível-invisível estão, também, no repertório metodológico e técnico de outras ciências. Por um lado, se a Geografia é una por seu objeto – o espaço geográfico –, por outro, é diversa em suas formas de conhecimento, adotando metodologias de abordagem elaboradas com outras finalidades e por ciências concorrentes, em sua constituição global (GEORGE, 1986). Por isso, argumenta-se em favor dos princípios lógicos que carecem de estudo nuançado, ainda hoje, por parte dos epistemólogos e metodólogos da Geografia, uma vez que *distância, conexão, extensão, escala, posição, localização, distribuição, situação*, dentre outros, é que dão unidade à disciplina, por estarem na base dos conceitos geográficos (MOREIRA, 2007). Logo, este artigo tem o objetivo de analisar o uso dos conceitos na Geografia Histórica Urbana brasileira, a fim de caracterizá-la.

Para tanto, parte-se da hipótese de que Maurício de Almeida Abreu, Pedro de Vasconcelos e Antônio Carlos Robert de Moraes, protagonizam, inspiram e guiam, epistêmica e ontologicamente, em diálogo com Milton Santos, os estudos em Geografia Histórica Urbana no país.

Justifica esta pesquisa a necessidade de questionar, científica e permanentemente, os novos rumos ou mudanças metodológicas ocorridas nos distintos subcampos da Geografia. Assim, elegeu-se a Geografia Histórica [especificamente voltada às cidades] como objeto analítico.

Adotam-se três estratégias metodológicas: (i) revisão do debate assumido pelos principais personagens que fundamentam a Geografia Histórica brasileira (Abreu, Vasconcelos e Moraes); (ii) levantamento e elaboração de quadro-síntese dos trabalhos apresentados nos GTs do subcampo nos XIII, XV, XVI e XVII Simpósios Nacionais de Geografia Urbana (SIMPURBs), em razão da sua regularidade bienal, seu alcance nacional e por contemplarem mesas de Geografia Histórica Urbana; (iii) interpretação destes trabalhos, a partir do método de análise de redes, sustentado por um banco de dados derivados (1) das palavras-chave dos artigos apresentados nos referidos SIMPURBs e (2) das temáticas abordadas nos textos apresentados.

2. Geografia Histórica Urbana brasileira: principais personagens e notas metodológicas

Muitos são os autores (geógrafos e não geógrafos) que contribuem para consolidar a chamada Geografia Histórica no Brasil. Entretanto, optou-se por dialogar com personagens que contribuíram, largamente, na produção teórico-metodológica deste subcampo disciplinar, produzindo um lastro de fontes e um significativo número de orientandos que seguem seus percursos de pesquisa: Maurício Abreu, Pedro Vasconcelos e Antônio C. R. de Moraes.

2.1 Maurício de Almeida Abreu e sua ideia de "geografia do passado"

Maurício Abreu protagonizou o debate da geografia urbana histórica do Rio de Janeiro e, no entanto, contribuiu, de maneira mais ampla, para

a construção metodológica do campo. Em *Construindo uma geografia do passado*, Maurício Abreu reconhece três regras fundamentais no “estudo geográfico do passado”. Diz que as categorias de análise da Geografia são universais, mas as variáveis que as dão corpo não o são, o que exige atenção na adequação das mesmas ao seu espaço-tempo. Outra observação é a da importância da contextualização do “presente de então”, ou seja, do passado. “Embora informado pelo presente, o passado não é presente” (ABREU, 2000, p. 18), o que exige pesquisa indireta (fontes secundárias) e diretas (arquivos de memórias documentais). Por fim, o autor argumenta que as geografias do passado não trabalham com o passado em si, mas com fragmentos deixados por ele. “Por isso, é preciso desconfiar dos vestígios que encontramos, pois os documentos não são neutros, incorporam estruturas de poder” (ABREU, 2000, p. 18). Para Abreu (2005), deve-se dar conta também daquilo que não deixou vestígios, mas que se desconfia da ocorrência. Um exemplo desse caminho metodológico está em sua proposta da construção de “mapas conjecturais”, para espacializar eventos dispersos em documentação primária, mas não sistematizada em iconografia ou cartografia de época.

Tais ponderações revelam a necessidade do tratamento categorial-metodológico em Geografia Histórica. Concepções mais atuais de espaço, território e paisagem fazem-se pela evidência do mundo técnico presente, a demandar adequação aos princípios sociais (ou da relação sociedade-natureza) e morais relativos ao espaço-tempo pretérito da análise, o que requer o máximo cuidado metódico do geógrafo. Isso quer dizer que a Geografia Histórica tem nas categorias do campo do saber geográfico o arcabouço obrigatório para recuperar não somente a morfologia espacial ou os entes geográficos do passado, mas para interpretar o devir das relações socioespaciais, ou seja, as feições expressivo-representativas da política, da economia e da cultura no processo histórico. Logo, o pesquisador que tenta enquadrar seu estudo em Geografia Histórica deve reconhecer a epistemologia da Geografia, tratar, coerentemente, a categoria espaço geográfico ou seus conceitos derivados, como território, paisagem, lugar e região.

Polêmica levantada por Maurício Abreu no trabalho supracitado diz respeito a algumas escolas entenderem a Geografia enquanto “ciência do

presente”; segundo as quais, ela deveria se ocupar de fatos e fenômenos atuais, tendo o passado como subsídio de entendimento do presente, per-fazendo-se, assim, uma “ditadura do presente”. Por exemplo, Maria Adélia de Souza, em entrevista recente, afirma que

(...) concordando com Milton Santos: a Geografia é uma ciência do presente. Somente assim poderá ser compreensiva e não descritiva, como sempre tem sido feita. Debates, que não fazemos, mas são importantes (...) Por isso, pode existir uma História do Pensamento geográfico, jamais uma Geografia Histórica: esta é atribuição primeira dos historiadores, consultando textos geográficos do passado¹.

Contudo, não seria o presente um quadro espaço-temporal em metamorfose e decorrido de processos sucessivo-simultâneos do passado? Sendo o espaço geográfico a sociedade, reconhecer ou potencializar o enquadramento socioespacial do passado em seu decurso não seria importante na dialetização da própria categoria espaço geográfico, como ensina Milton Santos? A dialética do espaço geográfico exige esmiuçamento epistemológico da tríade espaço-tempo-sociedade, bem como a abordagem do universal-particular-singular que atravessam os fenômenos, para a sua compreensão e a do mundo, em seu passado-presente-futuro, ou seja, no seu devir histórico (SANTOS, 1997; SOJA, 1993; COSTA, 2011; COSTA; SCARLATO, 2019).

É certo dizer que os trabalhos de Maurício Abreu trazem como mote a história da formação socioterritorial [notoriamente, do Rio de Janeiro], fundado em pesquisa de base ou fontes primárias, mas também em estudos referentes a fatos e fenômenos já abordados. Exemplo de seu esforço vinculado à formação socioterritorial fluminense refere-se a *Um quebra-cabeça (quase) resolvido: os engenhos da capitania do Rio de Janeiro – séculos XVI e XVII*. Nesse estudo, ele reconhece a ausência de trabalhos geográficos na temática, o que se agrava pelo incêndio que atingiu o arquivo municipal carioca, em 1790; porém, Abreu identifica e localiza os engenhos fluminenses dos séculos XVI e XVII, através de “quadros agregadores de informações”, onde cada quadro corresponde a um engenho identificado em documentos distintos. Assim, por exemplo,

uma informação sobre a venda, em 1664, de um partido de canas situado nas terras de um engenho não identificado, mas que estava localizado em Irajá, foi inicialmente considerada como um dado independente e deu origem a um quadro que intitulamos, provisoriamente, de ‘Engenho em Irajá, 1664’. Da mesma forma, a

arrematação em praça pública, em 1683, de um engenho sem localização declarada, mas que soubemos ser 'de invocação Nossa Senhora do Rosário', constituiu nova informação isolada e deu origem a outro quadro intitulado 'Engenho Nossa Senhora do Rosário, 1683'. Aos poucos, entretanto, foi possível detectar, por indícios os mais diversos, que muitas dessas informações 'independentes' referiam-se, na realidade, à mesma moenda, o que possibilitou que todas as informações referentes a ela fossem reagrupadas num quadro único. (...) Esse agrupamento de informações num quadro único possibilitou, por outro lado, que introduzíssemos a diacronia na análise e resgatássemos a trajetória da moenda no tempo (ABREU, 2006, p. 6).

Essa abordagem revela uma metodologia que trata da história social do espaço, de forma que a constituição da localização do *fato* engenho (enquanto uma variável datada) operou-se pela descoberta processual de evidências em distintos documentos. "Aos dados fornecidos pelos livros cartoriais, agregamos, a seguir, informações obtidas em inventários, verbas testamentárias, livros de tombo das ordens religiosas, autos de medição de terras, autos de demandas judiciais etc., muitas das quais faziam referência à existência de moendas ou partidos de canas" (ABREU, 2006, p. 06). Tal metodologia sugere, em seu trabalho, princípios geográficos claros, os de *localização, distribuição e conexão*.

Um terceiro trabalho de Maurício Abreu que interessa destacar é *Sobre a memória das cidades*, vastamente citado, especialmente por quem se dedica aos estudos do urbano e da cidade, em sua dimensão memorial, patrimonial e documental. Abreu (1998) versa sobre a importância de se preservar a "memória urbana" e o lugar da Geografia nessa abordagem. Para ele, a história de uma determinada cidade não dispensa a análise da dimensão única, ideográfica, do lugar, a sugerir que, para tratar da memória localizada, *há que se trabalhar na recuperação simultânea da história no e do lugar*. Indica como equivocados os estudos geohistóricos que analisam muito bem os processos sociais ocorridos num determinado lugar, mas que pouco ou nada falam desse lugar. De forma particular, Abreu (1998) argumenta que os trabalhos dedicados às cidades têm se limitado, em sua maioria, à reconstituição de antigas morfologias, minuciosamente acompanhadas no tempo, a valorizar as progressas paisagens das cidades; assinala a importância de se contextualizar as morfologias pretéritas socialmente produzidas com as normas e os processos que lhes deram origem.

É vasta e referencial a obra de Maurício Abreu, coroada com *Geografia Histórica do Rio de Janeiro* (2010). Sua perspectiva metodológica se dá pelo respeito às fontes de pesquisa direta, nos arquivos históricos e de memória, em diálogo com as fontes literárias. Entende as categorias geográficas com sua “maleabilidade” ou “adequabilidade” às variáveis do passado; considera que a morfologia espacial pouco significa à Geografia, se apartada das normas e dos processos sociais constitutivos do singular espaço-tempo ou do lugar.

2.2 *Pedro de Almeida Vasconcelos e sua noção de “tempo em Geografia”*

Outro geógrafo brasileiro destacado nacionalmente pela Geografia Histórica (com viés na formação territorial urbana) é Pedro Vasconcelos, cuja contribuição perpassa, também, pela constituição socioterritorial de Salvador.

Por uma escolha analítica da obra de Pedro Vasconcelos, a sintetizar elementos nodais de seu pensamento, além de sua contribuição teórico-metodológica para o campo disciplinar, parte-se do seu artigo *Como estudar a cidade na longa duração (a noção de tempo em Geografia)*. O autor valoriza os princípios teóricos e metodológicos relativos ao espaço-tempo, postos por autores referenciais, desde Richard Hartshorne até Milton Santos, passando por Olivier Dolfuss e Brian Goodall.

Pedro Vasconcelos é categórico quanto ao estudo geográfico histórico, reconhece como principal enfoque o espaço, sendo a questão temporal um enquadramento complementar. “Se o nosso objetivo é o de estudar uma cidade na longa duração, é necessário para estabelecer uma periodização, não partir necessariamente dos eventos históricos, mas inverter a questão, partir das principais mudanças espaciais, que ocorreram no tempo” (VASCONCELOS, 1999, p. 87). Essa consideração do autor toca a dicotomia espaço/tempo polemizada em Costa e Maluly (2021), que indagam, metodicamente, a Geografia Histórica. Vasconcelos diz que o estudo da cidade pode ocorrer com atenção às mudanças tecnológicas nos transportes, como um dos indicadores principais das transformações urbanas, além do exame de outras tecnologias, dos tipos de ocupação da terra, ou do papel do Estado, dos agentes econômicos etc. Para ele, a

periodização de longa duração aplicada às cidades, especialmente ao caso de Salvador, pode esclarecer: mudanças espaciais em diferentes escalas; mudanças sociais; registrar permanências espaciais e sociais; explicar a cidade e a sociedade urbana atual.

A periodização, em respeito à longa duração anunciada por Pedro Vasconcelos (sustentado em Fernand Braudel) e aplicada ao caso de Salvador, sugere uma preocupação com os dados espaciais históricos. Explica-se a transformação morfológica urbana pela metamorfose técnica, sem perder de vista o caráter mutante dos processos sociais engendrados no e pelo espaço. É um trabalho de encaminhamento teórico-metodológico para a Geografia Histórica Urbana, que sugere fontes secundárias.

Outro tema que aparece na obra de Pedro Vasconcelos refere-se à questão racial no Brasil urbano, o que induziu à análise de *Complexidade histórica e questões raciais em Salvador, Bahia* (2007). No cerne do compromisso com a formação social brasileira, notoriamente com a singularidade social da Bahia, o autor demonstra capacidade no tratamento das fontes, a caracterizar sua Geografia Histórica. Metodologicamente, o artigo entrecruza ideias de historiadores referenciais (Ignácio Accioli, Charles Boxer, Robert Smith etc.), convicções de consagrados antropólogos (Darcy Ribeiro e Manuela Carneiro Cunha), informações dadas por importantes viajantes europeus na América portuguesa (Johann Spix e Carl Martius, Louis Tollenare e Robert Avé-Lallemant) e, sobretudo, dados de pesquisa direta ou em arquivos (Arquivo de Marinha do Ultramar, Arquivo Público do Estado da Bahia, Atas da Câmara da Prefeitura Municipal de Salvador etc.). Vasconcelos apresenta uma contribuição à Geografia Histórica Urbana, via esmiuçamento da situação dos escravos e dos libertos nas cidades; enfatiza a situação espacial histórica de sujeitos subalternizados, no país que teve a escravidão mais longa da América e que atingiu todo o território, com diferenças regionais. Seu estudo referencia a formação socioterritorial brasileira por meio de particularidades econômicas.

Embora o estudo enfatize dados reveladores da situação dos negros, pardos e mulatos de Salvador (oscilações demográficas, quantitativo patrimonial, grau de mestiçagem, propriedades ou bens da Igreja e irmandades etc.), também faz alusão a dimensões geográficas qualificadoras da vida cidadina dos cativos e libertos, desvendando espacialidades urbanas, tais

como locais de moradia dos negros e sua situação na divisão social e territorial do trabalho. De acordo com Vasconcelos (2007, p. 5-8),

De fato, os libertos negros moravam tanto em áreas centrais como nas periféricas: a descrição do vigário da freguesia de Santo Antônio, em 1757, informa que “até o rio ... Camarugipe, cujo lugar é ... situado de varias rossas, a maior parte dellas de homens pretos libertos ...”. Mas os libertos também residiam em freguesias urbanas: dos 92 pais de família pretos registrados na freguesia de São Pedro em 1775, 31 eram artesãos (um barbeiro tinha sete escravos), 26 trabalhavam no comércio (sendo 21 “ganhadeiras”), quatro eram domésticas, três viviam de seus bens e 11 eram pobres. Dos 77 agregados pretos, 29 não tinham profissão e 16 eram pobres. Do total dessas famílias, 28 por cento possuíam escravos.

Por último, foi selecionado um ensaio de suma relevância, por se referir ao debate metodológico em Geografia Histórica, dentre os raros deste teor, nesse subcampo. Em *Questões metodológicas na geografia urbana histórica* (2009), Vasconcelos sugere os conceitos de “períodos densos” e de “hiatos temporais”, para o tratamento da periodização na análise histórica das cidades.

“Períodos densos” são reconhecidos como de “longa duração” (embora possam ser de curta duração); relacionam longos períodos, com predomínio de questões do cotidiano, e períodos que saem da rotina, com ocorrência de eventos mais significativos capazes de modificar a sociedade urbana, assim como funções, estruturas e formas espaciais. Exemplificam “períodos densos” os intercursos de guerras e invasões estrangeiras. “Hiatos temporais” são dados pela perda ou por inexistência de documentação histórica, que leve a uma continuidade temporal, perfazendo longos intervalos sem informação espacial (VASCONCELOS, 2009). Sua análise concorda, mas em dimensão geográfica, com Fernand Braudel, em *Histoire et sciences sociales. La longue durée* (1958)².

Em síntese, para Pedro Vasconcelos, metodologicamente é fundamental articular a pesquisa na Geografia Histórica Urbana pelas seguintes bases: a) periodização de longas durações, observando continuidades e grandes rupturas, conforme os eventos históricos de maior relevância para a cidade examinada; b) averiguação do contexto de cada período em análise, extraindo de fontes primárias e secundárias os eventos notórios em distintas escalas (da internacional à local), enaltecendo questões de ordem ideológica, política, econômica, cultural ou espacial singulares na história da cidade; c) identificação dos agentes mais importantes, externos e locais, que contribuíram para modelar a cidade, como o Estado, a Igreja,

os agentes econômicos, os diferentes estratos da população, a respeitar papéis e pesos diferenciados conforme o período em exame; d) análise do desenvolvimento espacial da cidade em cada período, tomando como referência principal a cartografia original (e iconografia), completada por informações escritas (inclusive estatísticas), de preferência de fontes primárias. Essa proposta metodológica foi adotada no seu livro *Salvador: transformações e permanências (1549-1999)* e já frutificou em outros trabalhos de orientandos em diferentes recortes espaço-temporais, a exemplo de *O outro lado da Baía: a gênese de uma rede urbana colonial* (ANDRADE, 2013) ou *Geografias da presença galega na cidade da Bahia* (BRANDÃO, 2005).

2.3 Antônio Carlos Robert Moraes e sua “Geografia humana como história territorial”

Outro influente geógrafo brasileiro dedicado à Geografia Histórica foi Antônio Carlos Robert de Moraes. Distintamente dos dois pesquisadores analisados anteriormente, este assume uma postura de abordagem que é, sobretudo, metodológica e sedimentada na perspectiva dialética, que aponta para o entendimento da Geografia “como uma modalidade de abordagem histórica, dedicada à análise dos processos sociais de formação dos territórios. Isto é, a visão da Geografia Humana como uma história territorial” (MORAES, 2000, p. 11). O posicionamento é assumido já em seu doutorado referente às *Bases da formação territorial do Brasil*.

No referido estudo, Moraes entende o recurso à História como “imposição do método adotado”, alinhado à teoria social de Karl Marx. A obra de Antônio C. R. de Moraes revela a convicção de uma Geografia Humana como ciência social dedicada ao processo universal de apropriação do espaço natural e de construção de um espaço social pelas diferentes sociedades no decurso da história. Para ele, fenômenos e situações devem ser avaliados a partir dos movimentos da história mediados pelo trabalho, por ser “ato teleológico de incorporação e criação de valor; acata-se que a formulação categorial mais precisa e genérica para expressá-lo deva ser a da *valorização do espaço*” (MORAES, 2000, p. 15).

Seu trabalho assume duas dimensões filosóficas, a saber, a ontológica e a epistemológica³, como se verifica a seguir:

Valorização do espaço e formação territorial, dois níveis de abordagem de um mesmo processo. De um lado, as determinações genéricas, fornecendo os macro indicadores que delimitam grandes períodos e iluminando suas lógicas estruturais de funcionamento. De outro, a malha fina do desenrolar das conjunturas, permitindo identificar vontades e atitudes individualizadas, interesses específicos, enfim, movimentos singulares. Tem-se, assim, dois planos de análise e reflexão, em cuja união se desenha o projeto de uma Geografia interpretativa, social e histórica (MORAES, 2000, p. 18).

Neste trabalho, ele entrecruza distintos espaços-tempos, cuja singularidade se faz na formação do território brasileiro. A “economia mundo capitalista” tem, na particularidade da “expansão ultramarina e na economia europeia”, a singular “produção do espaço ibero-americano”. Avalia-se a história da formação territorial brasileira, em resumo, pela História Econômica e Geral europeia, cujas fontes estão, notoriamente, nos trabalhos de mesmo perfil, ou seja, históricos secundários.

Outro trabalho de Moraes que se quer dar relevo é *Geografia histórica do Brasil, cinco ensaios, uma proposta e uma crítica* (2009). De certa forma, dá continuidade ao seu *Bases da formação territorial do Brasil*, que trata as particularidades (e singularidades) da formação social e territorial do país. Porém, são apresentados subsídios teórico-metodológicos para uma Geografia Histórica, enquanto subcampo da Geografia, fundado em preceitos notórios da História, das Ciências Sociais e da Filosofia.

São problematizados, do ponto de vista do método (epistemologia e ontologia), categorias operativas para abordagens em Geografia Histórica. Nacionalidade de domínio estatal de âmbitos espaciais, gênese ou afirmação de identidades nacionais, o território como materialidade (de ocupação prática) e como representação (legitimação simbólica), elementos de uma geopolítica tanto da instalação portuguesa quanto da independência no Brasil são alguns dos muitos aspectos tratados pelo autor. Ainda, define a Geografia Histórica como “caminho de reconstituição (em várias escalas) do processo de formação dos atuais territórios, postura que – inapelavelmente – repõe uma ótica de história nacional (mesmo no âmbito de uma perspectiva crítica)”. Especialmente a partir do enfoque do processo colonizador, Moraes (2009, p. 62) afirma que “a expansão espacial – em suas motivações estratégicas – em si é um primeiro objeto de investigação da Geografia Histórica, sendo a consolidação do domínio territorial seu corolário: a transformação

dessas novas terras em áreas descontínuas de soberania estatal de cada metrópole. Em outros termos, em territórios coloniais”.

Os dois livros considerados (e outros trabalhos do mesmo autor) asseguram uma abordagem particular da Geografia Histórica menos pautada em fontes documentais primárias e mais na articulação de princípios incorporados de outros campos de saberes para a Geografia, como a História (principalmente), a Filosofia e as Ciências Sociais, sendo essa articulação protagonista no debate sobre os desígnios passados-presentes da formação territorial do Brasil. O valor de sua obra para a Geografia Histórica revela-se no tratamento argumentativo dos princípios geográficos, problematizados, também, à luz da Sociologia, sua segunda formação acadêmica, e da Filosofia, notoriamente, marxista.

2.4 Em resumo, uma correlação metodológica entre Abreu, Vasconcelos e Moraes

Há uma correlação metodológica significativa entre o pensamento de Maurício Abreu, Pedro Vasconcelos e Antônio C. R. de Moraes, com nuances individuais, notadamente relativas ao último. Abreu e Vasconcelos assumem a pesquisa documental direta em arquivos, bem como o tratamento das fontes secundárias, para aprofundar casos concretos; cada qual apresenta pesos distintos ou aprofundamentos relativos quanto às categorias geográficas de análise, de forma a se valorizá-las mais ou menos, em um ou outro trabalho. Ambos os autores contribuem, relativamente, a dois muito simbólicos espaços nacionais, respectivamente, Rio de Janeiro e Salvador.

No caso de Antônio C. R. de Moraes, vigora uma preocupação epistemológica e ontológica (em que o método materialista histórico-dialético funda os argumentos) de caráter universalizante e menos singular da análise, ou seja, seus casos são genéricos e se referem aos movimentos econômicos e políticos que redundam na produção material e representacional espacial do Brasil colonial, imperial e republicano.

Existe, entre os três autores, uma unidade que poderia balizar a Geografia Histórica brasileira do ponto de vista metodológico, que é o recurso à História como ciência e método e o respeito distinto (em grau de abstração e escala analítica) tanto às categorias e aos princípios do

pensamento geográfico quanto aos possíveis vieses de periodização do objeto geográfico. Tão importante quanto a dotação das fontes (primárias ou secundárias) é o conhecimento da epistemologia, da ontologia e a capacidade de construção do método geográfico e dos princípios lógicos que subsidiam os conceitos disciplinares e caracterizam a disciplina, como demonstram, amplamente, Milton Santos (1992, 1997) e Ruy Moreira (2007).

3. Outros personagens e enfoques da Geografia Histórica Urbana brasileira: experiências dos SIMPURBs

Na busca por pesquisas e pesquisadores que representem o momento atual da Geografia Histórica brasileira, na dimensão urbano-regional e na reverberação das orientações fundamentais dadas pelos três autores já destacados, são elaborados quadros-síntese dos trabalhos apresentados em Grupos de Trabalho (GTs) do subcampo em quatro Simpósios Nacionais de Geografia Urbana (SIMPURB), a saber: o XIII - Rio de Janeiro (2013); o XV - Salvador (2017); o XVI - Vitória (2019) e o XVII - Curitiba (2022).

A escolha dos SIMPURBs está baseada em cinco critérios: (1) é um evento bienal consolidado, que acontece desde 1989 (o primeiro sediado na USP/São Paulo), o que abre ampla possibilidade de análises sobre estudos publicados no subcampo, na última década; (2) foram disponibilizados, digitalmente, os anais dos últimos eventos, o que viabilizou a leitura dos textos integrais apresentados; (3) a regularidade bienal do evento dá volume e favorece generalizar a análise, para verificar o amadurecimento ou o surgimento de novos trabalhos em Geografia Histórica; (4) não obstante a amplitude do campo motivador do evento (Geografia Urbana), há sucessivos GTs em Geografia Histórica, que valorizaram as escalas intraurbana e urbano-regional; (5) reconhecer a realidade metódica de um subcampo de estudo no âmbito da Geografia orientou a escolha de um evento que, fundamentalmente, contemplasse pesquisadores com formação na área.

Com tais critérios, estabeleceu-se como metodologia de abordagem: apresentação do evento (temática central e outros dados), construção dos quadros com os artigos apresentados no GT de Geografia Histórica Urbana e síntese do conjunto dos trabalhos a partir do reconhecimento (ou não)

aos autores referenciais da Geografia Histórica brasileira (Maurício Abreu, Pedro Vasconcelos e Antônio C. R. de Moraes). Por último, reflexiona-se a partir do método de análise de redes, sustentado pela construção de um banco de dados contemplando: (1) as palavras-chave dos trabalhos apresentados nos referidos SIMPURBs e (2) as principais temáticas abordadas. Passemos aos quadros.

O XIII Simpósio Nacional de Geografia Urbana (Rio de Janeiro - 2013) teve como tema “Ciência e ação política: por uma abordagem crítica”. Nele, o GT-8 (Geografia Histórica Urbana) computou 14 estudos apresentados oralmente. Tal GT, coordenado por Pedro Vasconcelos (UFBA), Doralice Sátyro Maia (UFPB), Fania Fridmam (UFRJ), José Aldemir de Oliveira (UFAM) e Nelson da Nobrega (UFF), foi subdividido em 3 subtemas: a) *Cidade, história e formação territorial*; b) *Cidade, discursos e diálogos*; c) *Cidade, paisagem e memória*. O quadro 1 analisa os trabalhos apresentados, em forma de síntese.

O XIV SIMPURB (Fortaleza - 2015) tratou o abrangente tema “Perspectivas e abordagens da Geografia Urbana no século XXI”. Nele, reduziu-se o número de trabalhos apresentados, comparativamente com SIMPURBs anteriores e posteriores (pelo custo de deslocamento para a capital cearense e a crise econômica de então). Como resultado, houve apenas cinco GTs e a temática da Geografia Histórica Urbana não foi contemplada.

O XV SIMPURB (Salvador - 2017) teve por temática “Sobre a cidade e o urbano, contribuição da Geografia: que teorias para este século?”. Além de contar com um GT de Geografia Histórica, com 13 trabalhos apresentados, houve uma mesa especial que versou sobre as contribuições de Milton Santos, Maurício Abreu, Neil Smith e Edward Soja. Na oportunidade, Pedro Vasconcelos apresentou o legado de Maurício Abreu à Geografia brasileira, o que comprova a importância e a deferência mútua dos mesmos, não obstante suas diferenças no percurso acadêmico. Coordenaram o GT Pedro Vasconcelos (UFBA), Doralice Sátyro Maia (UFPB), Fania Fridmam (UFRJ) e José Aldemir de Oliveira (UFAM).

Quadro 1

TRABALHOS APRESENTADOS NO XIII SIMPURB – GT GEO. HIST. URBANA

Autoria	Instituição	Tema	Enfoque
Roberto Silva de Souza – Doutorado em Geografia pela UFPE, 2011.	UEAL	Parcelamento do solo e morfologias urbanas em Olinda-PE (1931-2006)	Geografia urbana histórica. Precisão das Leis Urbanísticas. Ecletismo de áreas de abordagem. Aplicação genérica do conceito território e da categoria espaço. Sem fontes primárias.
Vitor Alves – Currículo Lattes não encontrado.	UFRJ	Apropriação territorial do sertão do oeste fluminense (sec. XVII-XIX)	Geografia urbana histórica. Aplicação genérica do conceito território. Ecletismo de áreas de abordagem de valor histórico-territorial. Sem fontes primárias.
Luciana Alem Gennari – Doutorado em Planejamento Urbano e Regional pela URFJ, 2013.	IPPUR	Estruturação da zona urbana do Rio de Janeiro (1875-1928)	Arquitetura e história da habitação. Aplicação genérica do conceito território e da categoria espaço. Sem fontes primárias.
Pierre Alves Costa – Geógrafo com Doutorado em História pela UFF, 2009.	Unicentro	Análise geográfica-histórica da Baixada Guanabara (ferrovia e Duque de Caxias)	Geografia urbana histórica. Aplicação genérica do conceito território. História local. Com fontes primárias.
Luis Cláudio Requião Silva - Mestrado em Geografia pela UFBA, 2007.	UNEB	Geografia histórica da distribuição de meios de hospedagem em Salvador (sec. XIX e XX)	Geografia e paisagem. Aplicação genérica do conceito território e da categoria espaço. Parcial abordagem de autores de descrição histórica. Sem fontes primárias.
Joaquim Miranda Maloa – Mestrado (MSc) em Sociologia USP, 2012.	USP	Gênese da urbanização dual em Moçambique – exploração histórica	Geografia urbana histórica. Aplicação genérica do conceito território e da categoria espaço. Ecletismo de áreas de abordagem de valor histórico-territorial. Sem fontes primárias.
Paulo Cezar Barros – Geógrafo com Mestrado em Geografia pela UFRJ, 2005.	IFET-RJ	Espaço e tempo na área central do Rio de Janeiro – leituras do Morro Sto. Antônio	Geografia urbana histórica. Precisão da categoria espaço e do conceito território. Abordagem de valor histórico-arquitetônico. Sem fontes primárias.
Joel Gusmão Outtes Wanderley Filho – Doutorado em Geografia pela University of Oxford, Grã-Bretanha, 2000.	UFRS	Gênese do urbanismo no Brasil e na Argentina (1894-1945)	História do urbanismo. Aplicação genérica do conceito território e da categoria espaço. Abordagem da Arquitetura e da História. Sem fontes primárias.

Quadro 1 – CONTINUAÇÃO

Autoria	Instituição	Tema	Enfoque
Maria Clelia Lustosa da Costa – Doutorado em Geografia, Sorbonne Nouvelle – Paris III, França, 2012.	UFCE	Discurso médico-higienista e ordem urbana	História urbana. Aplicação do conceito território e da categoria espaço. Abordagem da Arquitetura e da História. Sem fontes primárias.
Rebeca Maria Aguiar do Nascimento – Mestrado em Geografia pela UFPB, 2013.	UFPB	Privatização da terra urbana na cidade da Parahyba	Geografia urbana histórica. Aplicação genérica da categoria espaço e do conceito território. Ecletismo de áreas de abordagem de valor histórico urbano. Com fontes primárias.
Adriano B. Andrade – Geógrafo com Doutorado em Arquitetura e Urbanismo pela UFBA, 2010.	UFBA	A Igreja como agente produtor do espaço no Recôncavo Baiano setecentista	Geografia urbana histórica. Precisão na ideia de espaço urbano-regional. Abordagem no urbanismo. Com fontes primárias.
Everaldo Costa – Doutorado em Geografia pela USP, 2011. Marília Peluso – Geógrafa com Doutorado em Psicologia pela PUC SP, 1998.	UnB	Territórios da memória operária na história da construção de Brasília	Geografia urbana histórica. Precisão no conceito de território. Abordagem entre Geografia e Filosofia. Com fontes primárias [oralidade].
Rita de Cássia G. de Andrade – Mestrado em Geografia pela UFPB, 2009. Maria Simone Moraes Soares – Mestrado em Arquitetura e Urbanismo pela UFPB, 2012.	PucPeru	Geografia histórica da cidade de Coremas	Geografia urbana histórica. Aplicação genérica do conceito território e da categoria espaço. Abordagem na história da arquitetura e urbanismo. Com fontes primárias.
Glauco Bruce Rodrigues – Doutorado em Geografia pela UFRJ, 2011.	UFF	Autogestão territorial anarquista na Guerra Civil Espanhola (1936-39)	Geografia e história. Precisão na noção de espacialidade. Abordagem histórica do anarquismo. Com fontes primárias.

Fonte: Elaboração dos autores. Informações dos pesquisadores são da Plataforma Lattes, titulação no ano do evento. Os trabalhos foram pesquisados nos Anais do Evento: <http://www.simpurb2013.com.br/anais/>.

Quadro 2

TRABALHOS APRESENTADOS NO XV SIMPURB – GT GEO. HIST. URBANA

Autor	Instituição	Tema	Enfoque
Luis Claudio Requião da Silva – Doutorado em Geografia UNB, 2015.	UNEB	A produção simultânea dos territórios das cidades portuárias do Recôncavo Baiano: uma narrativa espacial regional	Geografia histórica urbano-regional. Âmbito da arquitetura e urbanismo na análise do patrimônio. Uso eclético do conceito de paisagem e território. Referencia Vasconcelos, Abreu e Andrade, dentre outros. Sustentado em bases secundárias.
Maria Clelia Lustosa Costa – Doutorado em Geografia, Sorbonne Nouvelle – Paris III, França, 2012.	UFC	Água, higiene e saúde pública na Fortaleza do século XIX	Geografia histórica urbana. Âmbito da Arquitetura e Urbanismo. Aplicação dos conceitos de espaço e paisagem. Trabalho sincrônico descritivo. Bases primárias e secundárias. Não referencia os autores destacados da Geografia Histórica brasileira.
Nirvana Lígia Albino Rafael De Sá – Geógrafa com Doutorado em Planejamento Urbano e Regional pela UFRJ, 2016.	UFPB	Alterações propostas a partir do discurso sanitário na cidade da Parahyba no início do século XX.	Geografia histórica urbana. Pesquisa documental de fundo. Âmbito da Arquitetura e Urbanismo. Aplicação genérica dos conceitos de espaço e paisagem. Faz menção a Abreu e sete outros autores, numa curta lista de referências. Incorpora fontes primárias e secundárias.
Clovis Ramiro Jucá Neto – Doutorado em Arquitetura e Urbanismo pela UFBA, 2007. Herbert Vasconcelos Rocha – Mestrado em Arquitetura e Urbanismo pela UFC, 2017.	UFC	As cidades de Aracati e Sobral no Ceará	Geografia histórica urbano-regional. Âmbito da Arquitetura e Urbanismo. Espaço assumido no espectro do desenho e das formas urbanas. Fontes primárias, notadamente centradas na cartografia histórica. Não referencia os autores destacados da Geografia Histórica brasileira.
Gustavo Mota – Graduando em Geografia pelo IFBA, 2017. Livia Rita C. dos Santos – Graduanda em Geografia pelo IFBA, 2017. Mariana Santos – Graduanda em Geografia pelo IFBA, 2017.	IFBA	Comentários sobre a obra “A geografia das cidades”, de Bernardino José de Souza (1913).	História do pensamento geográfico. Estudo de cunho biográfico. Contribuição para a história da Geografia brasileira. Referencia Moraes e Vasconcelos, dentre outros.

Quadro 2 – CONTINUAÇÃO

Autor	Instituição	Tema	Enfoque
<p>Sandra Maria F. da Costa – Geógrafa com Doutorado em Engenharia de Transportes pela USP, 1996.</p> <p>Nilton Carlos Rosa - Licenciado em História pela Universidade do Vale do Paraíba, 2019.</p> <p>Viviana Mendes Lima – Geógrafa com Doutorado em Saúde Global e Sustentabilidade pela Faculdade de Saúde Pública da USP, 2017.</p>	UNIVAP	Da formação das cidades do delta do rio Amazonas à estrutura urbana atual	Geografia histórica urbano-regional. História das cidades. Uso de fontes primárias (documentais). Apresenta uma perspectiva de formação urbana, sem, entretanto, discutir a abordagem ou referenciar Santos e Moraes. Referencia Abreu e Vasconcelos, dentre outros.
<p>Cleandro Krause – Mestrado em Planejamento Urbano e Regional pela UFRS, 2004.</p>	IPPUR – UFRJ	Diferenciação socioespacial: melhoramentos viários e mudanças de características dos imóveis urbanos (Porto Alegre, 1897-1937)	Geografia histórica urbana. Âmbito do planejamento urbano. Uso da categoria “espaço geográfico” para sustentar a ideia de diferenciação socioespacial. Uso de fontes primárias (documental). Dialoga com geógrafos e urbanistas. Não referencia os autores clássicos da Geografia Histórica brasileira.
<p>Vinicius S. Maluly – Mestrado em Geografia na UNB, 2017.</p>	UNB	Distorcendo relatos, elaborando cartografias: o relato de viagem de José da Costa Diogo (1734-35)	Geografia histórica regional. História do território. Trabalha com a formação territorial. Contribuição metodológica para a atualização e leitura de mapas históricos. Referencia Moraes e Santos, dentre outros.
<p>Gustavo Reis Machado – Especialização em Gestão de Cidades e Planejamento Urbano pela UCAM, 2017.</p>	UNICAMP – UNAPOUSO ALEGRE	Do vazio ao espaço público: a construção da paisagem urbana central de Poços de Caldas - MG.	Geografia histórica urbana. Âmbito da Arquitetura e Urbanismo. Aplicação genérica dos conceitos espaço, paisagem e lugar. Uso de fontes primárias e secundárias. Para além de Corrêa e Santos, não referencia os autores clássicos da Geografia Histórica brasileira.

Quadro 2 – CONTINUAÇÃO

Autor	Instituição	Tema	Enfoque
Cristina Lontra Nacif – Doutorado em Geografia pela URFJ, 2007. Roberto Nacif – Mestre em Administração Pública pela FGV, 2011. Julia de Melo Amaral – Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela UFF, 2017.	UFF e UERJ	Em busca das origens dos parâmetros urbanísticos no Rio de Janeiro	Geografia histórica urbana. Âmbito da Arquitetura e do Urbanismo. Aplicação genérica do conceito território e da categoria espaço. Uso de fontes primárias e secundárias. Referencia Abreu e mais seis títulos numa exígua lista bibliográfica.
Emmanuel Raimundo Costa Santos – Doutorado em Geografia pela UNESP Júlio de Mesquita Filho, 2012.	UNIFAP	Intervenção e expansão urbana no espaço de orla da cidade de Belém do Pará	Geografia histórica urbana. Propõe uma análise dialética e histórica da produção espacial. Apesar de citar Santos, não desdobra a discussão geográfica. Uso de fontes primárias e secundárias. Não referencia os autores clássicos da Geografia Histórica brasileira.
Valter Luiz de Macedo – Doutorado em Planejamento Urbano e Regional pela URFJ, 2008.	UERJ	Uma geografia histórica urbana/ regional da província fluminense	Geografia histórica urbano-regional. Sustenta o discurso em conceitos da Geografia. No trato do objeto empírico faz uma apresentação descritiva. Referencia Moraes e Abreu.
Jonathas Laborda Neves – Graduado em Geografia pela UEAM, 2020.	UFAM	Espaço e memória: a (re) construção do espaço perdido no bairro de Aparecida em Manaus/AM	Geografia histórica urbana. Âmbito da Geografia Cultural. Trabalha com a noção de identidades históricas. Referencia Abreu e Santos, dentre outros. Uso de fontes primárias e secundárias.

Fonte: Elaboração dos autores. Informações dos pesquisadores são da Plataforma Lattes, titulação no ano do evento. Os trabalhos foram pesquisados nos Anais do Evento: <https://simpurb2017.ufba.br/gt-8-geografia-hist%C3%B3rica-urbana>.

O XVI SIMPURB (Vitória - 2019) teve 19 trabalhos aprovados no GT de Geografia Histórica Urbana. O tema do evento foi “Cidades, revoluções e injustiças: entre espaços privados, públicos, direito à cidade e comuns urbanos”. Três dos coordenadores do GT (dentre eles, Pedro Vasconcelos, Doralice Sátyro e Fania Fridmam) estiveram na coordenação do GT nos

eventos anteriormente analisados, a exceção foi José Aldemir de Oliveira (UFAM), falecido em novembro de 2019 e indicado nos Anais do SIMPURB “in memoriam”.

Quadro 3

TRABALHOS APRESENTADOS NO XVI SIMPURB – GT GEO. HIST. URBANA

Autor	Instituição	Tema	Enfoque
Breno de Assis Silva Araújo – Graduando em Geografia pela UFRN, 2019. Magda Valéria da Silva – Doutorado em Geografia pela UFU, 2010.	UFG	Geografia histórica de Itapaci (GO): as origens da cidade e suas primeiras décadas de formação.	Geografia urbana histórica. Uso de fonte secundária de análise de mapas e fotografias. Menção a Moraes, Santos e Carneiro.
Anna Karine de Queiroz Costa Bellini – Mestrado em Arquitetura e Urbanismo pela UFES, 2014.	Prefeitura de Vitória/ES	A fruição da orla e da paisagem marítima como recurso recreativo em Vitória/ES.	Geografia cultural. Fundamento claro no conceito de paisagem. Uso de fontes documentais. Bibliografia faz menção predominante às fontes, sem referência aos autores da Geografia Histórica.
Breno de Assis Silva Araújo – Graduando em Geografia pela UFRN, 2019. Gabriel Leopoldino Paulo de Medeiros – Doutorado em Arquitetura e Urbanismo pela UFRN, 2017.	UFRN e UFERSA	A capital do oeste sobre trilhos: a ferrovia Mossoró-Souza e a consolidação da centralidade regional de Mossoró-RN (1920-1941).	Dinâmica urbana-regional. Uso da noção de “centralidade”. Sem fundamento nos pressupostos da Geografia Histórica. Uso de fontes primárias e secundárias.
Charles Ibraim Cardoso Duarte – Graduando em Geografia pelo IFCE, 2019. Jonas Lima Maciel – Graduando em Geografia pelo IFCE, 2019. Cleiton Marinho Lima Nogueira – Doutorado em Geografia pela UFCE, 2008.	IFCE	Configuração Territorial, Memória e Patrimônio no Distrito de José de Alencar -Ceará-Brasil	Estudo de caso no âmbito urbano-regional. Imagens de campo e fontes secundárias. Aplicação genérica do conceito território. Trata do papel dos agentes modeladores do espaço. Referência Santos e Abreu, dentre outros.

Quadro 3 – CONTINUAÇÃO

Autor	Instituição	Tema	Enfoque
Elaine Guimarães Godinho – Mestranda em Geografia pela UFF, 2017.	UFF	A presença da cultura italiana na formação do espaço urbano da cidade de Campos dos Goytacazes: Possíveis representações simbólicas do Palácio Nilo Peçanha.	Trabalho no âmbito da Arquitetura. Aplicação genérica do conceito paisagem. Breve indicação, sem diálogo, de Bourdieu a Piaget, além de Corrêa e Jung. Uso de fontes secundárias.
Emmanuel R. Costa Santos – Doutorado em Geografia pela UNESP Júlio de Mesquita Filho, 2012.	UNIFAP	Para além de Tordesilhas: dinâmica territorial setentrional litorânea do Brasil colonial.	Geografia histórica regional. Trabalha com a formação territorial. Não cita Moraes. Referencia Santos, Becker, Lia Machado, Ab'Sáber e Trindade Júnior. Uso de fontes secundárias.
Fabiana Leite de Camargo Francischinelli – Mestranda em Geografia pela UFSCAR, 2019.	UF São Carlos	A vila de Itu: primórdios de uma urbanização em tempos de açúcar (1780 A 1830).	Geografia histórica urbana. Fundamento em fontes secundárias. Referencia Abreu, Moraes e Vasconcelos, dentre outros numa boa lista bibliográfica
Flávia Paschoalini de Oliveira – Graduada em Arquitetura e Urbanismo, pela UNIFRAN, 2019.	UNIFRAN	Análise do planejamento urbano no Brasil no século XX	Circunscrito no âmbito da Arquitetura e Urbanismo. Não referencia geógrafos. Uso de fontes documentais recentes e secundárias. Não utiliza conceitos geográficos. Relato histórico sobre a metodologia de elaboração de planos urbanos no Brasil do século XX.
Flávia Ribeiro Botechia – Empresária da Flávia Paschoalini de Oliveira. Tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo	Prefeitura de Vitória/ ES	De que tempo é este lugar? Ou sobre a persistência das formas urbanas em Vitória	Trabalho no âmbito da Arquitetura e urbanismo. Estudo de morfologia urbana. Uso genérico do conceito paisagem. Sem referência aos autores da Geografia Histórica.
Gilson Ribeiro da Silva – Mestrando em Geografia pela UFRRJ, 2019.	UFRRJ	Intervenções urbanísticas e sociais no complexo de Mangueiras: análise do legado do PAC Mangueiras - RJ	Análise de um fragmento do espaço urbano a partir de um plano de intervenção, além da Geografia Histórica. Aplicação genérica do conceito paisagem. Referencia Vasconcelos, Abreu, Santos e Corrêa, dentre outros.

Quadro 3 – CONTINUAÇÃO

Autor	Instituição	Tema	Enfoque
Igor Carlos Feitosa Alencar – Mestrando em Geografia pela UFPB, 2019.	UFPB	À espera do progresso: a estrada de ferro de Baturité rumo a cidade do Crato no século XIX	Estudo de caso descritivo na perspectiva regional. Não faz uso de conceitos da Geografia. Fundamento em fontes primárias além de cartografia. Não referencia autores referentes da Geografia Histórica.
Julio Cesar Botega do Carmo – Geógrafo com Doutorado em Arquitetura e Urbanismo pela USP, 2018.	UFMS	Planejar a escala metropolitana: o paradigma Cidade Jardim no Reino Unido (1898 - 1944)	Estudo de cunho histórico sobre as cidades jardins, no campo do planejamento urbano. Não faz uso de conceitos geográficos. Fundamento em fontes secundárias. Não dialoga com a Geografia Histórica brasileira.
Kamila Drago Bona – Mestranda em Arquitetura e Urbanismo pela UFES, 2019. Renata Hermann de Almeida – Doutorado em Arquitetura e Urbanismo pela UFBA, 2005.	UFES	Arquitetura como elemento de periodização do espaço urbano de Itapina/ES	Geografia histórica urbana. Aplicação genérica do conceito território. Fundamento em fontes primárias e secundárias, além de uma cartografia original. Não incorpora autores referenciais da Geografia Histórica.
Kamir Freire Gemal – Mestrando em Arquitetura e Urbanismo pela UFES, 2019.	UERJ	Favelas cariocas: fenômeno, categoria e intervenções do Estado sobre o espaço urbano	Geografia histórica urbana. Sem referência aos conceitos geográficos. Relato descritivo do caso, sustentado em fontes secundárias. Referencia Abreu e outros autores do Rio de Janeiro.
Maria Clelia Lustosa Costa – Doutorado em Geografia, Sorbonne Nouvelle – Paris III, França, 2012.	UFC	A geografia nos documentos: a trajetória do Barão de Studart	Geografia Histórica de cunho biográfico descritivo. Usa Capel, Claval e Santos, sem referência aos autores da Geografia Histórica brasileira.
Michela Sagrillo Pegoretti , - Doutoranda em Geografia pela UFES, 2019. Cecília Torezani – Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela UFES, 2019.	UFES	A forma urbana em perspectiva histórica: um olhar a partir da praça Costa Pereira, Vitória/ES	Âmbito da Arquitetura e Urbanismo e utiliza geógrafos, na construção do discurso. Estudo na escala de uma praça - forma urbana e volumetria. Aplicação genérica do conceito paisagem. Uso de fontes primárias e secundárias. Referencia Abreu além de outros autores da Geografia, como Santos, Corrêa e Carlos.

Quadro 3 – CONTINUAÇÃO

Autor	Instituição	Tema	Enfoque
Moacir Vieira da Silva – Mestrado em Geografia pela UFRN, 2017.	SEEC - RN	Dinâmicas espaço-temporais e a centralidade urbano-regional de Mossoró-RN	Geografia histórica regional. Fundamento em fontes secundárias. Referencia Moraes, além de outros autores da Geografia, como Santos, Becker e Carlos. Menção a Christaller e a metodologia do REGIC.
Otávio Augusto Alves dos Santos – Geógrafo com Doutorado em Desenvolvimento Urbano pela UFPE, 2017.	UFRPE	Considerações sobre a produção do espaço praiano no Recife: os limites e os desafios do planejamento urbano	Geografia Histórica Urbana. Trabalho descritivo sustentado em fontes primárias e secundárias. Referencia Moraes e Marcelo Lopes de Souza além de diversos autores que já trabalharam com o tema de estudo de perspectiva urbanística.
Patrícia da Silva Oliveira – Graduada em Geografia pela UFRRJ, 2016.	UFRRJ	Remoções no Rio de Janeiro do século XIX e o processo de segregação socioespacial	Geografia histórica urbana. Análise de dinâmica espacial. Não apresenta cartografia, iconografia ou pesquisa primária. Referencia Abreu e outros trabalhos que abordam a cidade do Rio de Janeiro.

Fonte: Elaboração dos autores. Informações dos pesquisadores são da Plataforma Lattes, titulação no ano do evento. Os trabalhos foram pesquisados nos Anais do Evento: <https://periodicos.ufes.br/simpurb2019/issue/view/1096>.

O XVII SIMPURB (Curitiba - 2022) teve 15 trabalhos aprovados no GT de Geografia Histórica Urbana. O Simpósio teve como tema “A produção do urbano e a urgência da práxis transformadora: teorias, práticas e utopias em meio a um mundo convulsionado”. Mantiveram-se como coordenadores do GT de Geografia Histórica Doralice Sátyro Maia, Fania Fridman e Pedro Vasconcelos, com a nova participação de Eneida Maria Souza Mendonça (UFES) e Maria Isabel Chrysostomo (UFV).

Quadro 4

TRABALHOS APRESENTADOS NO XVII SIMPURB – GT GEO. HIST. URBANA

Autor	Instituição	Tema	Enfoque
Rafael Gonring – Mestre em Geografia pela UFES, 2011.	Secretaria Municipal de Educação de Vila Velha (ES)	Vitória: urbanização e expansão territorial da área central na “Cidade do Café”	Geografia Histórica regional. Aplicação genérica dos conceitos espaço, território e configuração territorial. Não são referenciados autores da Geografia Histórica.
Gustavo Rodrigo Faccin Araujo de Souza – Mestre em Planejamento Urbano e Regional pelo IPPUR/UFRJ, 2023.	Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico do Rio Grande do Sul (IPHAE)	Murillo Marx e a descoberta do patrimônio público municipal no Brasil	Estudo epistemológico centrado nas contribuições de Murillo Marx para a história da urbanização e do patrimônio. Sem referência a conceitos geográficos. Menciona Abreu e autores de referência para a história urbana e fundiária.
Enderson Albuquerque – Doutorado em Geografia pela UERJ, 2019. Miguel Ângelo Ribeiro – Doutorado em Geografia pela UERJ, 1998.	Escola Municipal Arnaldo Varella e UERJ	Geografia Histórica de Nilópolis (RJ) a partir da contribuição da comunidade judaica - de <i>shtetl</i> a espaços abandonados	Espaço urbano, migração e religião. Operacionaliza espaço-tempo a partir da Geografia Histórica. Referencia Vasconcelos e constrói a narrativa a partir da cartografia, do SIG e de elementos fotográficos.
Guilherme Chalo – Doutorando em Planejamento urbano e regional pelo IPPUR/UFRJ.	IPPUR/UFRJ	Saúde e cidade: uma história a partir dos Cadernos IPPUR	Estudo baseado nos Cadernos do IPPUR (1986-2009) em busca de uma correlação entre saúde pública e espaço urbano. Uso de fontes secundárias e apoio metodológico em Santos, distinguindo cidade de urbano. Referencia Abreu.

Quadro 4 – CONTINUAÇÃO

<p>Sandra Maria Fonseca da Costa – Doutorado em Engenharia de transportes pela USP, 1996. Giovanna Vieira Domiciano – Mestre em Planejamento urbano e regional pela Universidade do Vale do Paraíba, 2023. Monique Bruna Silva do Carmo – Doutorado em Planejamento urbano e regional pela Universidade do Vale do Paraíba, 2020.</p>	<p>Universidade do Vale do Paraíba e INPE</p>	<p>O processo de formação e estruturação da cidade de Soure (PA) - 1757 e 1900</p>	<p>História territorial da cidade de Soure, desde o período colonial. Uso de fontes primárias e secundárias. Apresenta cartografia digital original e elementos iconográficos. Referência Abreu, Santos e Vasconcelos.</p>
<p>Kamir Gemal – Doutorado em Planejamento urbano e regional pela FAU/USP.</p>	<p>USP</p>	<p>Marco da experiência remocionista de favelas da cidade do Rio de Janeiro nos anos 1960: a inflexão administrativa do governador Carlos Lacerda em 1962 - pré-Ditadura</p>	<p>História da cidade do Rio de Janeiro e as políticas de remoção de favelas durante o período da ditadura militar. Enfoque em políticas de urbanização. Sem teorização sobre território ou espaço urbano. Cita Abreu.</p>
<p>Karina Pimentel dos Santos – Doutorado em Planejamento urbano e regional pela Universidade Federal do Vale do Paraíba. Gustavo Rodrigo Milaré Montoia – Doutor em Planejamento urbano e regional pela Universidade Federal do Vale do Paraíba, 2018.</p>	<p>Universidade Federal do Vale do Paraíba</p>	<p>A organização socioespacial das cidades de Maré do Salgado paraense: uma análise até meados do século XX</p>	<p>História ambiental do litoral paraense. Fundamentado em fontes primárias e secundárias, construindo cartografia digital própria. Sem teorização sobre território ou espaço. Citam Abreu e Santos.</p>
<p>Gleilson Angelo da Silva – Doutor em Geografia pela Universidade Federal do Ceará, 2023.</p>	<p>Universidade Estadual Vale do Acaraú</p>	<p>Em nome da rua, da avenida e da praça: geografia, toponímia e a importância dos logradouros do centro de Fortaleza</p>	<p>Topônimos e elementos simbólicos da produção do espaço urbano. Construção cartográfica própria, uso de iconografia e apresentação de sistematização de topônimos e suas taxonomias. Sem teorização sobre território ou espaço. Cita Abreu.</p>

Quadro 4 – CONTINUAÇÃO

<p>Tiago Cargin Gonçalves – Doutorado em Geografia pela Universidade Federal da Paraíba.</p>	<p>UFPB</p>	<p>A formação da rede urbana de Pernambuco no século XVIII: notas de pesquisa</p>	<p>Revisão e problematização bibliográfica sobre a formação da rede urbana em Pernambuco, no século XVIII. Ênfase nas políticas de criação de vilas e cidades com fundamento territorial. Cita Abreu, Santos e Vasconcelos.</p>
<p>Lúcia Helena Pereira da Silva – Doutorado em História pela PUC-SP, 2002. Luciana Alem Gennari – Doutorado em Planejamento urbano e regional pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013.</p>	<p>UFRRJ e UFRJ</p>	<p>Velha Iguaçu sumiu dos mapas e da história? um exercício de Geografia Histórica na periferia do Rio de Janeiro</p>	<p>Reconstituição histórico-geográfica da Vila de Iguaçu, no Rio de Janeiro, com análise até o fim do século XIX. Fundamento no conceito de rede urbana em processo de periferização socioeconômica e espacial. Construção de mapas conjecturais e uso de fontes primárias. Pesquisa teórico-metodológica fundamentada em Abreu.</p>
<p>Breno de Assis Silva – Mestrado em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.</p>	<p>UFRN</p>	<p>Rede de cidades no eixo da estrada de ferro central do Rio Grande do Norte: apontamentos para uma periodização (1872-1983)</p>	<p>Periodização a partir de balizas teórico-metodológicas da Geografia Histórica. Aplicação do conceito espaço. Fundamentado em fontes primárias e iconografia, propõe cartografia digital e cita Abreu, Santos e Vasconcelos.</p>
<p>Ítala Luzia de Andrade – Doutorado em Estudios Geográficos y Análisis Territorial em Universidad de Burgos. Flora Antonia Sores Ribeiro – Mestranda em Geografia pela Universidade Federal do Espírito Santo.</p>	<p>Universidad de Burgos e UFES</p>	<p>A história da cidade através da paisagem da Praça São Januário em Ubá (MG)</p>	<p>História urbana e da paisagem fundamentada em fontes primárias, identificando os marcos fundamentais e comparando-os cronologicamente. Sem fundamento nos autores referenciais da Geografia Histórica</p>

Quadro 4 – CONTINUAÇÃO

<p>Thaís da Silva Matos – Mestrado em Geografia pela Universidade Federal Fluminense</p>	<p>UFF</p>	<p>O Cais do Valongo como testemunho espacial das políticas de branqueamento do território no Rio de Janeiro</p>	<p>Processos histórico-territoriais e identidade pelo espaço. Aplicação genérica do conceito espaço. Apresenta iconografia e trabalha nomeadamente em Geografia Histórica, porém, sem trazer os autores referenciais.</p>
<p>Paula Dieb Martins – Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Paraíba, 2019. Bárbara Lorena de Freitas França – Graduanda em Geografia pela Universidade Federal da Paraíba.</p>	<p>UFPB</p>	<p>A ferrovia e as alterações no espaço urbano de Caruaru-PE</p>	<p>Centralidade urbana e malha ferroviária. Fundamentado em fontes primárias e iconografia. Abordagem socioeconômica a partir da implantação técnica no território.</p>
<p>Núbia Parol – Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Paraná, 2024.</p>	<p>UFPR</p>	<p>Continuidade e ausência: a transformação da paisagem e as Casas de Araucária em Curitiba - PR</p>	<p>Enfoque na Nova Geografia Cultural. Aplica o conceito de paisagem urbana. Elaboração de cartografia digital e apresentação de análise iconográfica. Uso de fontes secundárias.</p>

Fonte: Elaboração dos autores. Informações dos pesquisadores são da Plataforma Lattes, titulação no ano do evento. Os trabalhos foram pesquisados nos Anais do evento: <https://www.sisgeenco.com.br/anais/simpurb/2022/trabalhos.html>

Os quadros-síntese dos SIMPURBs selecionados favorecem identificar e caracterizar os encaminhamentos da Geografia Histórica no Brasil. Há uma marcante diversidade na autoria dos trabalhos. Apenas seis autores participam em ao menos dois dos eventos, uma autora em três deles. Tem-se por constatações e hipóteses: (1) a ampliação dos estudos em Geografia Histórica, propagados por universidades distribuídas nas cinco regiões brasileiras; (2) a dificuldade de deslocamento no território nacional, pelo parco financiamento em pesquisas e para participação em eventos científicos, o que se agrava com a crise econômica global, na segunda década do século XXI; verifica-se a concentração de trabalhos dos destacados centros de pesquisa ou próximos à sede de cada evento; (3) a fragilidade na constituição da rede nacional de pesquisadores em Geografia Histórica, dado à inconstância da presença nos encontros; (4) a maioria

dos trabalhos apresentados não refletem estudos de fundo no subcampo, mas aproximações pontuais (capítulo de TCC, de mestrado ou de doutorado); (5) evidencia-se uma marcante imprecisão na operacionalização dos conceitos geográficos.

A segunda observação geral derivada da análise dos SIMPURBs é que pouco mais da metade dos trabalhos apresentados referenciam Maurício Abreu, Pedro Vasconcelos e Antônio C. R. de Moraes, o que sinaliza, ainda, um relativo reconhecimento da importância destes enquanto baluartes da Geografia Histórica nacional. Esta ausência pode refletir uma opção consciente do pesquisador; ainda, há uma frágil sustentação teórica e metodológica geográfica em parte significativa dos trabalhos que não os citam (ou quando citam). É possível que tal ausência de referências deriva do desconhecimento da mais importante produção na Geografia Histórica brasileira e, sobretudo, da Geografia, tanto por pesquisadores da área quanto de campos afins representados nos GTs.

Há artigos analisados que citam autores reconhecidos na Geografia brasileira, a exemplo de Milton Santos que, inegavelmente, qualifica a produção geográfica em geral, apresentando conceitos que podem favorecer a operacionalização metodológica nos estudos também de Geografia Histórica. Inclusive, Vasconcelos, Abreu e, sobretudo, Moraes, o utilizaram amplamente em suas obras. Milton Santos contribuiu para o reconhecimento da construção do método geográfico (pela categoria espaço geográfico e pelos conceitos derivados). Logo, suas ideias favorecem não apenas citações dispersas e genéricas de seus estudos (como se vê na maioria dos textos que o incorporam nos SIMPURBs), mas também a estruturação metódica de projetos investigativos, por exemplo, pelas categorias operativas de formação socioespacial, sistema de objetos e ações, território usado, os constitutivos do espaço geográfico (forma, função, estrutura e processo) e tantos outros desdobramentos epistêmicos a subsidiar, inclusive, a Geografia Histórica.

Uma terceira constatação na análise dos quadros-síntese é a dificuldade latente dos autores em lidar com a categoria tempo de maneira não dicotômica, ou seja, na construção de uma periodização que justifique e explique as dinâmicas espaço-temporais dialetizadas pelo passado-presente, assim como indagam Costa e Maluly (2021, p. 256), ao proporem o “tempo geográfico” como categoria de superação das dicotomias.

...tempo geográfico: tempo presente-passado ou o ente totalizado e totalizante do espaço. As representações do tempo geográfico – discurso, cartografia e imagens – devem ser capazes de dimensionar e impulsionar a interesalaridade e a transtemporalidade espacial. Esta postura teórico-metodológica requer uma noção sensorial perspícaz do espaço, bem como uma visão dialética representacional (...) As análises potenciais (na Geografia Histórica) perdem oportunidade epistêmica e metódica para (i) desmistificar o espaço separado do tempo e da sociedade, (ii) desprotagonizar o tempo na história do espaço e (iii) desfazer a ruptura entre a vontade social produtiva e a história ambiental criadora. A história emerge como potencial variável dicotomizadora, uma vez que a importância do tempo confunde o pensar e a práxis geográfica⁴.

É significativo notar que mais de metade dos artigos analisados nos SIMPURBs não apresentam uma clara periodização espaço-temporal. Alguns o fazem numa perspectiva linear diacrônica e com recortes seculares pouco representativos do espaço-tempo analisado. A própria discussão sustentada por Santos (1992, 1997) sobre o eixo das coexistências espaciais (presente-passado) é ignorada – tanto no entendimento, como na aplicação – na maioria dos trabalhos analisados.

A quarta constatação é a do predomínio no uso de fontes primárias em mais de 60% dos trabalhos. Artificio metodológico orientado por Maurício Abreu e Pedro Vasconcelos, que sustentam seus escritos na pesquisa documental primária. A cartografia e a iconografia históricas integram mais da metade dos estudos, parte oriunda de pesquisa em bases documentais ou cartográficas de arquivos físicos ou virtuais passíveis de consulta em rede e, por essa condição técnica, continuamente incorporados nas pesquisas. Também há uma crescente produção de mapas digitais ou “mapas conjecturais” – propostos por Abreu (2005) –, a partir de fontes primárias.

Dos trabalhos apresentados, 52% decorrem de área diversa da Geografia (Desenvolvimento Urbano, Administração, Planejamento, História, Sociologia, Gestão e, principalmente, Arquitetura e Urbanismo). Por outro lado, também é possível constatar que cerca de 90% dos trabalhos têm algum dos autores com, ao menos, uma parte da sua formação – graduação, mestrado ou doutorado – na Geografia.

Todas as observações se somam ao fato de 2/3 dos trabalhos analisados serem imprecisos quanto ao uso da categoria espaço geográfico (mesmo em variações de abordagem) e do conceito de território. Há carência no conhecimento epistemológico geográfico, em nível nacional, redundando

em problemas de método e metodológicos na definição e na consolidação da chamada Geografia Histórica, feita por geógrafos e não geógrafos presentes nos GTs considerados.

Nesse sentido, parte dos autores enquadra seus estudos na Geografia Histórica dada a ênfase na História (das cidades, da arquitetura, do urbanismo ou mesmo do território e da paisagem), ora com clareza na utilização das categorias ou dos conceitos geográficos, ora sem esse compromisso, conhecimento ou rigor.

Seguiremos na interpretação destes trabalhos apresentados no SIMPURBs, agora de maneira menos ortodoxa, por análise de redes, para aferir, mais detidamente, as tendências de estudos na chamada Geografia Histórica no Brasil.

4. Interpretações temáticas da Geografia Histórica Urbana brasileira: conexões e afastamentos

A técnica de análise de redes, referida comumente como análise de redes sociais (*social network analysis*), é utilizada amplamente em campos como a História (GRAHAM; MILLIGAN; WEINGART, 2016; GIL; BARLETA, 2015), a Sociologia (CORNWELL, 2015), a Computação (ABRAHAM; HASSANIEN; SNÁSEL, 2010), a Ciência Política (HEANEY, 2024), entre outros. Na Geografia, não seria diferente. Johannes Glücker e Robert Panitz avaliam a introdução da análise em redes, advinda da Sociologia Econômica, nos anos 1990. A análise em redes, até a virada do século XXI, promove uma adição técnica substancial ao que chamam de “pensamento relacional” e “análises relacionais em geografia humana” (GLÜCKER; PANITZ, 2021, p. 1532).

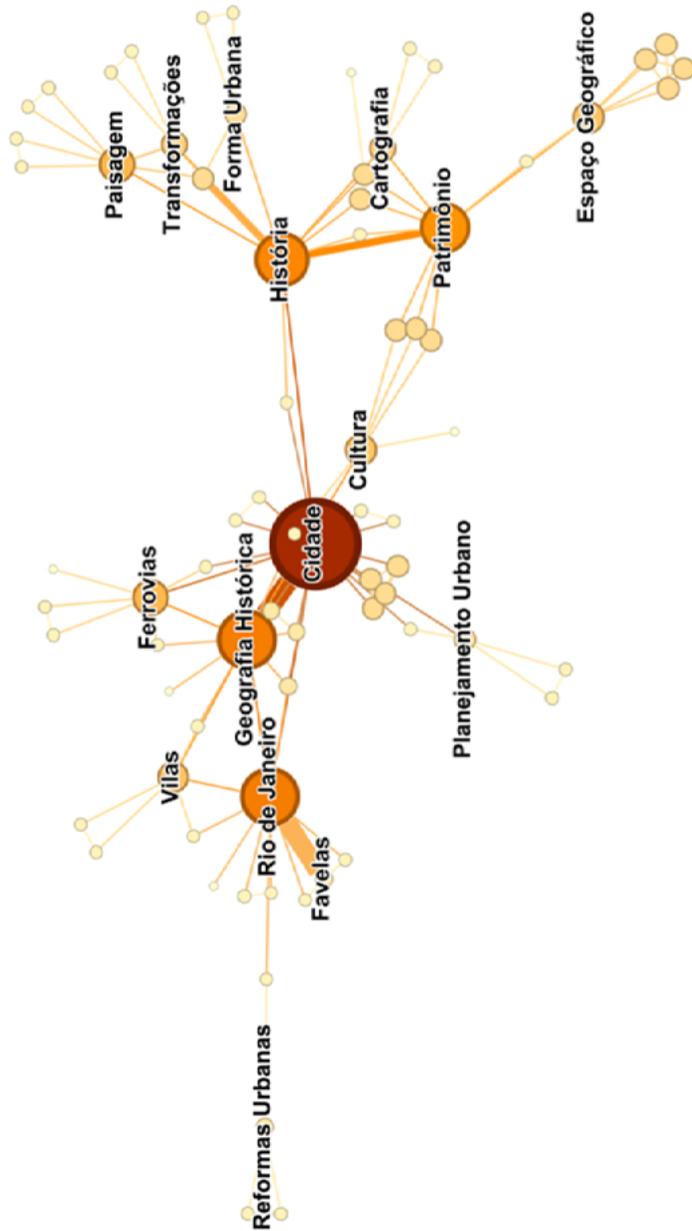
Com o fornecimento de grandes quantidades de dados e a facilidade crescente em seu manuseio e seu armazenamento, a Geografia Humana voltada aos aspectos relacionais entre agentes-atores e espaço teria se beneficiado de forma crescente das análises em redes. Estas, para os autores, seriam bem-sucedidas apenas se capturassem “as características topológicas das redes assim como os seus contextos significativos” (GLÜCKER; PANITZ, 2021, p. 1550). É importante ponderar que há diferentes acepções

de espaço e consequentes impactos no uso de ferramentas quantitativas. Exemplo disso são os espaços absoluto, relativo e relacional analisados por Harvey (2006) e, epistemicamente, discutidos por Santos (1992, 1997). Como fazer uso dessa técnica de análise sem perder de vista o aspecto relacional dos dados, bem como a natureza abstrata-concreta da categoria espaço geográfico, é o desafio posto ao geógrafo⁵.

Dando continuidade à análise dos trabalhos da Geografia Histórica Urbana apresentados nos últimos SIMPURBs, faremos uso da técnica de análise de redes, mas sem o caráter topológico apontado por Glücker e Panitz. Utilizaremos a técnica na análise temática dos trabalhos apresentados no evento, para observar a correspondência entre as palavras-chave das publicações e as temáticas nas quais cada pesquisa se insere. Foi gerado um banco de dados para correlacionar as variáveis, fornecendo uma interpretação dos trabalhos apresentados nos últimos SIMPURBs.

A figura 1 representa a rede das palavras-chave dos trabalhos apresentados nos GTs de Geografia Histórica Urbana dos XIII, XV, XVI e XVII SIMPURBs⁶. Para fins de elaboração do banco de dados, é importante salientar que as palavras-chave extraídas das pesquisas foram, na menor medida possível, englobadas em categorias mais amplas. Exemplo disso são as palavras-chave “patrimônio público”, “patrimônio histórico” e “patrimônio”, que foram englobadas em “patrimônio”; “cidades”, “cidades históricas portuárias”, “pequenas cidades” e “cidade” foram englobadas em “cidade”; e “província fluminense”, “cidade do Rio de Janeiro” e “Rio de Janeiro” foram aglutinadas em “Rio de Janeiro”. A construção do banco de dados é uma escolha invariavelmente interpretativa (MALULY, 2021), mas tentamos reduzir ao máximo essa interferência, trabalhando com as palavras-chave elencadas pela autoria dos trabalhos.

Figura 1
ANÁLISE DE REDE DAS PALAVRAS-CHAVE DOS TRABALHOS APRESENTADOS NOS XIII, XV, XVI E XVII SIMPUBRS



Fonte: elaboração própria.

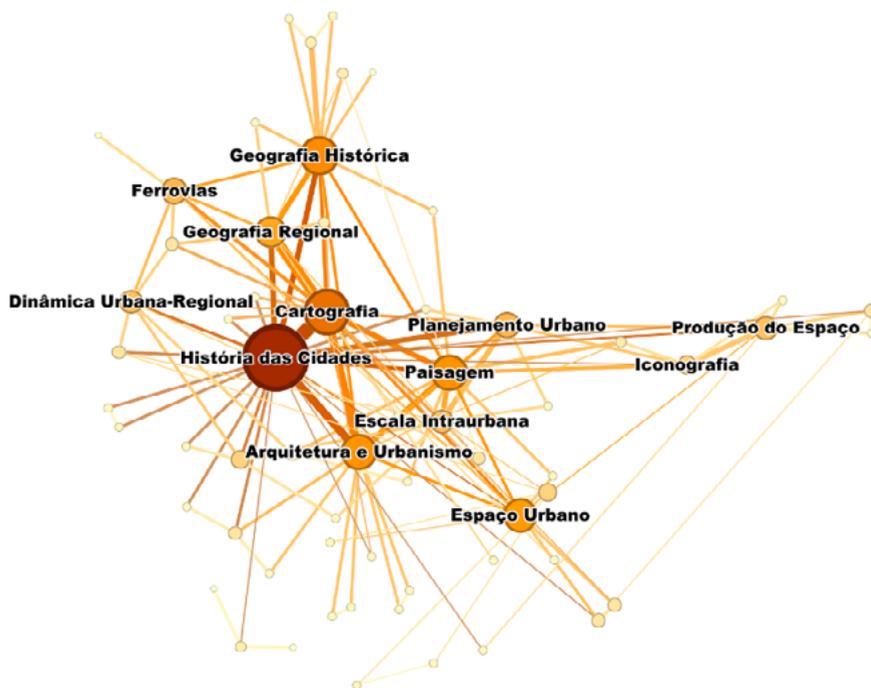
Para realizar a análise da figura 1, devemos nos atentar aos seguintes elementos visuais: 1) o tamanho e a cor dos “nós”; 2) o tamanho e a cor das “arestas” e 3) a distribuição e a posição dos “nós”. Esta rede é composta por 113 nós e 174 arestas. Destarte, notamos a centralidade de “Cidade”, tanto em termos posicionais quanto ao tamanho e à cor. Quanto mais escura a cor e maior o “nó”, mais vezes aquela palavra-chave foi repetida. A disposição no meio da rede nos indica que, em termos gravitacionais, a rede gira mais em torno da palavra-chave “Cidade” do que das demais, o que seria um elemento de conexão entre diferentes aglomerados. Isto foi possível a partir da aplicação do algoritmo “YifanHu” que, em síntese, enfatiza complementaridades e não busca a visualização de divisões ou de *clusters*.

Ainda que não estejamos em busca das divisões (ou *clusters*), estes são aparentes na figura 1. As palavras-chave dos trabalhos analisados apresentam uma separação entre dois conjuntos: 1) “Geografia Histórica” / “Rio de Janeiro”; 2) “História” / “Patrimônio”. A influência das pesquisas de Maurício Abreu pode ser um fator explicativo para a predominância de pesquisas sobre o “Rio de Janeiro”, atreladas nominalmente a uma “Geografia Histórica”. Por sua vez, trabalhos voltados à “História” e ao “Patrimônio” tendem mais a se correlacionar com “Paisagem” e “Cartografia”. Vale destacar um eixo visível de repetição de arestas composto, sequencialmente, por “Favelas”-“Rio de Janeiro”-“Geografia Histórica”-“Cidade”-“História”-“Patrimônio”. Outras palavras-chave preponderantes, como “Vilas”, “Ferrovias” e “Cultura”, não estariam nesse eixo, o que indica um pertencimento ao quadro geral, mas de maneira periférica. “Reformas urbanas”, “Planejamento Urbano” e “Espaço Geográfico”, por sua vez, estariam mais isolados, sem compor de forma mais integrada à rede.

A figura 1 fornece não apenas o conjunto de palavras-chave de maior repetição, mas também a correlação entre elas. Há uma morfologia de palavras-chave que gira em torno de “Cidade” e que apresenta um eixo condutor de pesquisas, alimentado por grupos menores. No entanto, a aparição de palavras-chave isoladas como “Reformas Urbanas”, “Planejamento Urbano” e “Forma Urbana”, que são tematicamente correlacionadas, mas não estiveram conectadas na figura 1, chamam a atenção para uma necessária análise dos temas abordados em cada trabalho. Para isso, construímos uma segunda rede.

A figura 2 é uma rede composta por “temas” dos trabalhos apresentados nos GTs de Geografia Histórica Urbana nos XIII, XV, XVI e XVII SIMPURBs. A construção desse banco de dados foi ainda mais interpretativa, tendo em vista que elencamos três “temas” abordados em cada pesquisa. Isto oferece a possibilidade de operacionalizar, epistemologicamente, a distribuição das pesquisas, pois conseguimos superar as barreiras objetivas da análise das palavras-chave, ilustrando um pouco mais, de certa forma, a interpretação dos trabalhos apresentados nos SIMPURBs.

Figura 2
ANÁLISE DE REDE DAS TEMÁTICAS DOS TRABALHOS APRESENTADOS NOS XIII, XV, XVI E XVII SIMPURBS



Fonte: elaboração própria.

A figura 2, comparada à figura 1, apresenta convergências e divergências. Para fins de melhor distribuição dos 68 nós e das 144 arestas, utilizou-se outro algoritmo idealizado para distinguir as complementaridades: o

“ForceAtlas 2”. Este, formulado pelos próprios criadores do *software* Gephi, é voltado para universos menores de dados, focados na qualidade das relações e não na quantidade. Nota-se que a quantidade de nós diminuiu de 113 para 68 (queda de 40%) e a quantidade de arestas de 174 para 144 (queda de 17%). Uma menor quantidade de nós vai ao encontro do esforço de reunir temas que se encontravam separados na figura 1, ao passo que a diminuição de arestas é desproporcional, tendo em vista que se busca manter, da forma mais adequada, a correlação entre os trabalhos analisados.

Novamente, na figura 2, é centralizado o tema “Cidade”, mas como “História da Cidade”. Por se tratarem de pesquisas voltadas a uma Geografia Histórica Urbana, é esperado que apareça desta forma, não genericamente como “Cidade”. No entanto, o tema “Cartografia” predomina no centro da rede, sendo uma forma de linguagem comum entre os trabalhos analisados. “Geografia Regional” e “Geografia Histórica” encontram-se opostos à “Arquitetura e Urbanismo”, enquanto que “Paisagem” ganha relevância ao estar no centro de temáticas voltadas ao urbano, como “Planejamento Urbano” e “Espaço Urbano”.

Finalmente, nota-se um afastamento de “Produção do Espaço”, tendo em vista que a maior parte das investigações apresentadas possuem forte teor empírico-histórico, com menor propensão teórico-conceitual, tomando por dado (ou de forma irrefletida) alguns conceitos da Geografia, como “território”, “paisagem” e mesmo a categoria “espaço geográfico”. A fragilidade teórico-conceitual dos estudos serve de marco, pois é acompanhada de raras citações a Antônio C. R. de Moraes, comparativamente a Maurício de Almeida Abreu e Pedro Vasconcelos, inspiradores no uso das fontes primárias. No entanto, a relação entre o grau epistemológico ou ontológico de uma pesquisa pode não se refletir tão linearmente, tendo em vista que as citações a Milton Santos perpassam a maior parte dos trabalhos presentes nos GTs estudados. Citam-no amplamente, nem sempre, contudo, operando o método geográfico estimulado por ele, condutor da superação de dicotomias (como espaço/tempo, espaço/sociedade e sociedade/natureza) e totalizador da realidade socioespacial.

Vale ressaltar, por fim, as sub-redes presentes na figura 2. Aparece a centralidade de “Paisagem” na temática do urbano. É possível ver as “Ferrovias” conectadas à “Geografia Histórica” e à “Geografia Regional”,

além de “Dinâmica Urbano-Rural”. “Cartografia” está em equilíbrio entre “Geografia Histórica” e “Arquitetura e Urbanismo”, servindo a ambos, igualmente. “Planejamento Urbano”, por sua vez, encontra-se conectado a “Produção do Espaço”, “Iconografia”, “Paisagem” e “Cartografia”, indicando um uso de técnicas na representação do espaço geográfico e no planejamento das cidades.

As duas redes constituem ferramentas analíticas mais objetivas das características dos trabalhos apresentados nos GTs de Geografia Histórica Urbana nos SIMPURBs. No entanto, são interpretativas e estão à mercê dos algoritmos que melhor se adequam aos objetivos da investigação. É importante ressaltar o intenso grau de abstração necessário na construção e na análise das redes, uma limitação metodológica. Mas, há uma síntese em torno da cidade e do estudo da história das cidades, com uma presença marcante de trabalhos voltados não apenas à Geografia, mas também à Arquitetura e ao Urbanismo, bem como ao planejamento urbano, indicando uma diversidade de participantes nos simpósios. A produção de mapas é central na tematização revelada, ainda que não integrem as palavras-chave, o que é compreensível, pois a cartografia, a iconografia e outras fontes (primárias e secundárias) não necessariamente estão no foco pretendido pelas investigações. São técnicas na composição das pesquisas em Geografia Histórica, produtos fundamentais das investigações, mas não definidoras do que seja a Geografia ou da pesquisa geográfica.

Ambas as redes representam a “marginalização” da categoria espaço geográfico e mesmo do conceito paisagem (figura 1). O conceito de território não aparece. Tratam-se mais temas e metodologias, com uma frágil construção do método geográfico no subcampo Geografia Histórica, à luz dos conceitos disciplinares.

Ao considerar as orientações advindas das pesquisas dos principais geógrafos brasileiros voltados à temática (Abreu, Vasconcelos e Moraes), um dos caminhos para a consolidação da Geografia Histórica – como subcampo geográfico – parece estar tanto no real conhecimento epistemológico e ontológico disciplinar, quanto no amadurecimento do tratamento das fontes primárias e secundárias. Estas que devem ser alinhadas ou interpretadas à luz dos princípios lógicos da disciplina, a saber: *distância*, *conexão*, *extensão*, *escala*, *posição*, *localização*, *distribuição*, dentre outros,

os quais são pensados em correlação às variáveis caracterizadoras de um dado espaço-tempo ou de um momento da história das técnicas.

5. Considerações finais

Este estudo demonstra a situação difusa dos conceitos e princípios disciplinares que sustentam a Geografia Histórica Urbana brasileira. Tais princípios, fundamentais na Geografia, se perdem misturados a outros conhecimentos ou campos de saberes (o espaço geográfico não raras vezes é interpretado como espaço absoluto e arquitetônico e o território tido como extenso). A estratégia para atrelar rigor conceitual e metodológico ao crescente número de estudos nominados no campo da Geografia Histórica (mesmo que vinculados a outros saberes como os da Arquitetura e do Urbanismo) é o conhecimento epistemológico e ontológico seriamente presente, com variações, na obra de Maurício de Almeida Abreu, Pedro Vasconcelos e Antônio C. R. de Moraes.

A geografia material ou do visível do mundo tem na história fundamento imprescindível de sua composição. Mas, o tratamento histórico do espaço – físico – é insuficiente e ultrapassado, para dar sentido à Geografia Histórica Urbana ou à Geografia. Antes de indagar o espaço pela dimensão histórica é necessário inquiri-lo, dominá-lo do ponto de vista epistêmico-ontológico geográfico. Problematizar o espaço geograficamente significa reconhecer os princípios sustentáculos da própria Geografia, em sua história, e a evolução dos conceitos, antes de qualquer encaminhamento de pesquisa.

Se a categoria de análise da Geografia (espaço geográfico) é universal-totalizadora, as variáveis que as dão sentido não o são, o que exige situá-la, contextualizá-la por seus conceitos derivados (território, paisagem, lugar e região). Contextualiza-se não só o tema, o objeto, o fato ou o fenômeno analisado, mas a categoria operativa ou o conceito em ação, a oferecer sua revisão ou sua adequação se o fato ou fenômeno inquirido assim o exigir, dado o recuo ou o movimento do espaço-tempo ou o momento das técnicas que o perfaz.

O pensamento geográfico-histórico da cidade exige, especialmente, o entendimento de que universalidade, particularidade e singularidade

se fazem simultaneidade na feitura processual dos lugares. Por isso, o tratamento do passado espacial urbano exige reconhecimento da ideia de totalidade (filosófica e não empírica, em respeito ao método geográfico). A restrição da análise urbana histórica às formas ou à morfologia da paisagem, à configuração lógica do espaço urbano, parece negar a dimensão essencial do espaço geográfico, que envolve contextualização e simultaneidade das formas pretéritas derivadas de normas e processos sociais genéticos. Esse entendimento obriga os afeitos à Geografia Histórica a assumirem a periodização do espaço-tempo enquanto recurso de rigor metódico para a superação das dicotomias insistentes nos estudos.

Por último, o estudo revela a urgência de matização epistêmico-ôntica do espaço geográfico, quando parte considerável dos trabalhos analisados nos SIMPURBs apresenta alinhamento difuso e pouco claro no emprego de categorias e entendimento dos princípios guias da Geografia Humana enquanto “história do território”, como sugere Antônio C. R. de Moraes; esses trabalhos também merecem questionamento metodológico com respeito ao uso das fontes primárias, a serem incorporadas à luz dos princípios da disciplina, como realizam Maurício Abreu e Pedro Vasconcelos; ainda, indicam a urgência em compreender a construção do método na disciplina, pela categoria espaço geográfico, segundo esmiuça Milton Santos, ou pelos princípios lógicos explicados por Ruy Moreira.

Este artigo é um convite ao debate que se deseja aberto e esclarecedor a quem advoga por uma Geografia Histórica Urbana fundada em bases sólidas na Geografia, disciplina do saber espacial, mesmo no diálogo com outras áreas do conhecimento. Diz Maria Adélia de Souza, em entrevista recente, ter uma enorme preocupação com a construção do método e da metodologia em nossa disciplina, que deve buscar rigor no uso de conceitos e teorias, o que não é muito usual entre os geógrafos que, valendo-se do método descritivo, usam palavras em seus textos, não conceitos⁷.

Notas

- 1 Ver entrevista completa em Costa e Queiroz (2025).
- 2 Pedro Vasconcelos reconhece que Braudel avalia a dialética da duração entre o instante e o tempo lento. Aponta sua trilogia: (1) tempos curtos (do indivíduo, do cotidiano), quando os eventos apresentam caráter jornalístico; (2) conjunturas, tempos menos curtos, quando destaca as conjunturas econômicas e sociais; e (3) a longa duração, com tempos muito longos, e destaca os obstáculos geográficos, algumas realidades biológicas, certos limites de produtividade e obstáculos espirituais.
- 3 Segundo Chauvi (2000), os campos da investigação filosófica são três: i) o do conhecimento da realidade última de todos os seres, ou da essência de toda a realidade, este campo é chamado de *ontologia*. ii) o do conhecimento das ações humanas ou dos valores e das finalidades da ação humana: das ações que têm em si mesmas sua finalidade, a ética e a política, ou a vida moral e a vida política; e das ações que têm sua finalidade num produto ou numa obra: as técnicas e as artes e seus valores. iii) o do conhecimento da capacidade humana de conhecer, isto é, o conhecimento do próprio pensamento em exercício, isto é, a *epistemologia*.
- 4 Tradução do original: "...el tiempo geográfico: tiempo presente-pasado o el ente continente totalizado y totalizante del espacio. Las representaciones del tiempo geográfico –discurso, cartografía e imágenes– deben ser capaces de dimensionar e impulsar la interescalaridad y la transtemporalidad espacial. Esa postura teórico-metodológica exige una noción sensorial del espacio entrenada, así como una perspicacia dialéctica representacional (...) Los análisis potenciales (en Geografía Histórica) pierden oportunidad epistémica y metódica para (i) desmitificar el espacio separado del tiempo y de la sociedad, (ii) des-protagonizar el tiempo en la historia del espacio y (iii) deshacer la ruptura entre la voluntad social productiva y la historia ambiental creadora. La historia emerge como potencial variable dicotomizante, pues la importancia del tiempo confunde el pensar y la praxis geográfica”.
- 5 Cabe destacar a contribuição de Bruno Picchi (2023) para o uso da análise de redes no âmbito da Geografia Cultural e de sua densa pesquisa sobre as produções em Geografia Cultural no Brasil nas últimas décadas. Maluly (2024) faz uso do mesmo método analítico ao buscar uma tentativa de superação da dicotomia tempo-espaco referente à concessão de sesmarias em Goiás, no século XVIII.
- 6 A construção das redes analisadas nas figuras 1 e 2 tem por finalidade compreender as relações existentes entre x variáveis. Por exemplo, se tivermos as variáveis a , b e c e elas se relacionarem igualmente entre si, teremos as interações a - b , a - c e b - c . Se ampliarmos o universo, considerando que a variável a construiria uma segunda rede com as variáveis y e z , teríamos as interações a - y , a - z e y - z . Ou seja, um elemento em comum entre a primeira rede e a segunda rede seria a variável a , formando um elo de ligação, sendo a variável com o maior número de interações. Para compreender essas múltiplas relações, construímos redes a partir de um banco de dados, identificando as variáveis, as suas repetições, as suas correlações, além de uma morfologia segundo os algoritmos adotados.
- 7 Ver entrevista completa em Costa e Queiroz (2025).

Referências

ABRAHAM, Ajith; HASSANIEN, Aboul-Ella; SNÁSEL, Václav (Org.). **Computational Social Network Analysis**. London: Springer-Verlag, 2010.

ABREU, Maurício de A. Sobre a memória das cidades. **Revista da Faculdade de Letras – Geografia I série**, Porto, v. XIV, p. 77-97, 1998.

ABREU, Maurício de A. Construindo uma geografia do passado. Rio de Janeiro – cidade portuária. **Geosp**, v. 7, p. 13-25, 2000.

ABREU, Maurício de A. Reencontrando a antiga cidade de São Sebastião: mapas conjecturais do Rio de Janeiro do século XVI. **Cidades**, v. 2, n. 4, p. 189-220, 2005.

ABREU, Maurício de A. Um quebra cabeça (quase) resolvido: os engenhos da capitania do Rio de Janeiro, séculos XVI e XVII. **Scripta Nova**, Barcelona, v. X, n. 218 (32), 2006. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-218-32.htm>.

ABREU, Maurício de A. **Geografia Histórica do Rio de Janeiro (1502-1700)**. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson e Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, 2010.

ANDRADE, Adriano B. **O outro lado da baía**: gênese de uma rede urbana colonial. Salvador: EDUFBA, 2013.

ARAÚJO, Breno de Assis Silva. Rede de cidades no eixo da Estrada de Ferro Central do Rio Grande do Norte: apontamentos para uma periodização (1872-1983). In: SIMPURB – SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA URBANA, 17., Curitiba, 2022. **Anais...** Curitiba: UFPR, 2022. p. 1-20.

BRANDÃO, Paulo B. **Geografias da presença galega na cidade da Bahia**. Salvador: EDUFBA, 2005.

BRAUDEL, Fernand. Histoire et Sciences Sociales: La longue durée. **Annales. Economies, sociétés, civilisations**, 13 année, n. 4, p. 725-753, 1958.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

CORNWELL, Benjamin. **Social Sequence Analysis: Methods and Applications**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

COSTA, Everaldo B. **Totalidade urbana e totalidade-mundo**: as cidades coloniais barrocas face à patrimonialização global. 2011. 445f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

COSTA, Everaldo B; MALULY, Vinicius. Geografia histórica y tiempo geográfico, concepto y superación de dicotomías. **Revista de Geografía Norte Grande**, n. 79, p. 253-277, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.4067/S0718-34022021000200253>.

COSTA, Everaldo B; PELUSO, Marília L. Territórios da memória candanga na construção da capital do Brasil (1956-1971). In: SIMPURB – SIMPÓSIO

NACIONAL DE GEOGRAFIA URBANA, 13., Rio de Janeiro, 2013. **Anais...** Rio de Janeiro: UERJ, 2013. p. 1-28.

COSTA, Everaldo B; QUEIROZ, Pedro. Entrevista e homenagem a Maria Adélia Aparecida de Souza. Debatendo a Geografia brasileira. **PatryTer – Revista Latinoamericana e Caribenha de Geografia e Humanidades**, v. 8, n. 15, p. 1-42, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/patryter.v8i15.55341>.

COSTA, Everaldo B; SCARLATO, Francisco C. Geografia, método e singularidades revisadas no empírico. **GEOSP Espaço e Tempo**, v. 23, n. 3, p. 640-661, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geosp.2019.161552>.

GEORGE, Pierre. **Os métodos da Geografia**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1986.

GIL, Tiago; BARLETA, Leonardo. Formas alternativas de visualização de dados na área de História: algumas notas de pesquisa. **Revista História**, São Paulo, v. 173, p. 427-455, 2015.

GLÜCKLER, Johannes; PANITZ, Robert. Unleashing the potential of relational research: a meta-analysis of network studies in human geography. **Progress in Human Geography**, v. 45, n. 6, p. 1531-1557, 2021.

GRAHAM, Shawn; MILLIGAN, Ian; WEINGART, Scott. **Exploring big historical data: the historian's microscope**. London: Imperial College Press, 2016.

HARVEY, David. Spaces as a keyword. In: CASTREE, Noel; GREGORY, Ian (Org.). **David Harvey: a critical reader**. Malden e Oxford: Blackwell, 2006. p. 270-293.

HEANEY, Michael. Theory and Possibilities in Social Network Analysis. In: BOX-STEFFENSMEIER, Janet; CHRISTENSON, Dino P; SINCLAIR-CHAPMAN, Valeria (Org.). **Oxford Handbook of Engaged Methodological Pluralism in Political Science**, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780192868282.013.33>.

MALULY, Vinicius. **La terre et l'eau: concessions foncières et usages du réseau hydrographique dans l'occupation territoriale de la capitainerie de Goiás (1725-1804)**. 2024. 367 f. Thèse de Doctorat (Géographie) - École des hautes études en sciences sociales, Paris, 2024.

MALULY, Vinicius. Transpondo palavras para uma planilha: a construção de um banco de dados intencionalmente subjetivo. **Sillogés**, v. 4, n. 2, p. 489-510, 2021.

MORAES, Antônio C. R. **Bases da formação territorial do Brasil: o território colonial brasileiro no "longo" século XVI**. São Paulo: Editora Hucitec, 2000.

MORAES, Antônio C. R. **Geografia histórica do Brasil**. Cinco ensaios, uma proposta e uma crítica. São Paulo: Editora Hucitec, 2009.

MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em Geografia**: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

PICCHI, Bruno. **A Geografia Cultural no Brasil e sua difusão**: de 1990 a 2020. 2023. 299 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. Coleção Espaços. 3. ed. São Paulo: Nobel, 1992.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**. Técnica e Tempo. Razão e Emoção. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1997. [1.ed. 1996].

SOJA, Edward. **Geografias Pós-Modernas**: A Reafirmação do Espaço na Teoria Social Crítica. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1993.

VASCONCELOS, Pedro de Almeida. Como estudar a cidade na longa duração (A noção do tempo na Geografia). **Formação**, Presidente Prudente, v. 6, p. 75-90, 1999.

VASCONCELOS, Pedro de Almeida. **Salvador**: transformações e permanências (1549-1999). Ilhéus: Editus, 2002.

VASCONCELOS, Pedro de Almeida. Complexidade histórica e questões raciais em Salvador, Brasil. **Biblio 3W**, Barcelona, v. XII, n. 732, 2007. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/b3w-732.htm>.

VASCONCELOS, Pedro de Almeida. Questões metodológicas na geografia urbana histórica. **Geotextos**, Salvador, v. 5, p. 147-157, 2009.

Recebido em 02/09/2024

Aceito em 11/10/2024